
Intencionalidade social e abertura de mundo: *ser-com* como campo fenomênico na análise da abertura de mundo em *Ser e tempo*

Social intentionality and Disclosure of the world: *being-with* as a phenomenic field in the analysis of the disclosure of the world in *Being and Time*

DOI: 10.12957/ek.2022.56978

Júlia Garcia Tronco¹

Universidade Federal de Santa Maria

juliatronco@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4304-6581>

RESUMO

O artigo utiliza como campo fenomênico a estrutura do *ser-com* no intuito de analisar e reconstruir uma tensão interpretativa presente em *Ser e Tempo*. Tal tensão interpretativa surge na interpretação da *abertura de mundo*. A abertura é apresentada por Heidegger nos §§28-38 de *Ser e Tempo* e designa o acesso do ser-aí a mundo e o acesso ontológico ao ser de entes. A abertura de mundo é articulada. A tensão interpretativa mencionada refere-se ao modo como se dá essa articulação da abertura de mundo. Em um primeiro momento, a abertura de mundo é mostrada como articulada e estruturada a partir de níveis de determinação de comportamentos intencionais. Nesse sentido, a articulação se dá em níveis estratificados, partindo de comportamentos práticos, pré-temáticos e pré-predicativos até culminar em níveis intencionais onde há estrutura proposicional, predicativa e temática. A partir do §34, surge a tensão interpretativa entre o que havia sido exposto até o momento. Isso se dá quando Heidegger interpreta o *discurso* e a *linguagem*, reconhecendo o discurso como originário e fundamental ao ser-aí. Isso parece

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria e doutoranda em Filosofia pela mesma instituição.

destoar do que havia sido apresentado, pois sugere que o discurso e a linguagem estão pressupostos desde a base em qualquer comportamento intencional do ente humano. Tais interpretações são designadas, respectivamente, como *interpretação pragmática* e *interpretação linguística*. O objetivo do artigo é utilizar a estrutura do *ser-com* como estudo de caso e campo fenomênico para analisar se ocorre uma vinculação entre duas interpretações ou se há prevalência de alguma delas no fenômeno da intencionalidade social. Para dar conta desse objetivo, o artigo se organiza e se estrutura em quatro seções. Primeiro, uma apresentação geral das estruturas fundamentais do modo de ser da existência – *compreensão, encontrar-se e discurso* – e a maneira como elas se articulam. Depois, são apresentadas e analisadas as duas interpretações a respeito dessa articulação, a *pragmática* e a *linguística*. Apresentando com elas, defesas, críticas e evidências textuais. Por fim, é introduzido o tema da intencionalidade social como campo fenomênico de análise do problema apresentado, a saber, se há vinculação ou prevalência das interpretações.

Palavras-chave: Martin Heidegger. Fenomenologia-hermenêutica. Abertura de mundo. Discurso. Intencionalidade Social.

ABSTRACT

The article uses the structure of *being-with* as a phenomenal field in order to analyze and reconstruct an interpretive tension present in *Being and Time*. Such interpretative tension arises from the interpretation of the *disclosure of the world*. The disclosure is presented by Heidegger in §§28-38 of *Being and Time* and designates the access of the being-there to the world and the ontological access to the Being of beings. The disclosure of the world is articulated. The interpretive tension mentioned refers to the way in which this articulation of the opening of the world occurs. At first, the disclosure of the world is shown to be articulated and structured based on levels of determination of intentional behaviors. In this sense, the articulation occurs in stratified levels, starting from practical, pre-thematic and pre-predicative behaviors until culminating in intentional levels where there is a propositional, predicative and thematic structure. From §34, there is an interpretative tension between what had been exposed so far. This happens when Heidegger interprets discourse and language, recognizing the discourse as original and fundamental to being-there. Such interpretations are designated, respectively, as

pragmatic interpretation and *linguistic interpretation*. The aim of the article is to use the structure of being-with as a case study and phenomenal field to analyze whether there is a link between the two interpretations or if there is a prevalence of any of them in the phenomenon of social intentionality. To fulfill this objective, the article is organized and structured into four sections. First, a general presentation of the fundamental structures of the mode of being of existence and the way they are articulate. Afterwards, the two interpretations regarding this articulation, the pragmatic and the linguistic, are presented and analyzed. Presenting with them, defenses, critics and textual evidence. Finally, the theme of social intentionality is introduced as a phenomenal field for the analysis of the problem presented, namely, if there is a connection or prevalence of interpretations.

Keywords: Martin Heidegger. Hermeneutic-Phenomenology. Disclosure of the World. Discourse. Social Intentionality.

1. INTRODUÇÃO

Em *Ser e Tempo*, a partir de uma abordagem hermenêutico-fenomenológica, Heidegger propõe a elaboração de uma *ontologia fundamental*, centrada em uma análise do ente humano, ente que é capaz de compreender o sentido de ser, a *analítica existencial*. Nesta analítica existencial, são mostradas e elucidadas as estruturas fundamentais constitutivas do ente humano – às quais, devem ser interpretadas como modos de temporalidade. O artigo analisa um problema que concerne algumas dessas estruturas fundamentais, as quais articulam e constituem o fenômeno que Heidegger chama de *abertura de mundo*² (*Erschlossenheit*). O foco da investigação deste artigo é a divisão I de *Ser e Tempo*. O âmbito de investigação deste trabalho centra-se e parte do fenômeno da abertura de mundo e suas principais estruturas constituintes: *encontrar-se* (*Befindlichkeit*), *compreensão* (*Verstehen*) e *discurso* (*Rede*).

O objetivo deste trabalho é analisar e elucidar duas possibilidades de interpretação a respeito do fenômeno da abertura de mundo utilizando, ao fim, como campo fenomênico de investigação a estrutura do *ser-com* (*Mitsein*). Será analisado e avaliado se há, nesta

² Mundo, nesse presente artigo, é compreendido em sentido ôntico, porém referindo-se ao ser-aí como o mundo em que este “vive”, apresentando-se em múltiplas possibilidades, por exemplo, mundo “público” ou mundo “próprio” ou doméstico.

estrutura, a possibilidade de vinculação entre as duas interpretações ou se há a prevalência de alguma delas. Para dar conta desse objetivo, o artigo se organiza e se estrutura em quatro seções. Primeiro, uma apresentação geral das estruturas fundamentais do modo de ser da existência – *compreensão, encontrar-se e discurso* – e a maneira como elas se articulam. Depois, são apresentadas e analisadas as duas interpretações a respeito dessa articulação, a *pragmática* e a *linguística*. Apresentando com elas, defesas, críticas e bases documentais. Por fim, é introduzido o tema da intencionalidade social como campo fenomênico de análise do problema apresentado, a saber, se há vinculação ou prevalência das interpretações.

2. ABERTURA DE MUNDO E SUAS ESTRUTURAS FUNDAMENTAIS

A abertura de mundo é o fenômeno que designa a maneira como se dá o acesso do ser-aí a entes e ao ser de entes em geral. Em minha interpretação, abertura de mundo é um modo de Heidegger se referir aos comportamentos intencionais do *ser-aí*. A abertura de mundo pode ser compreendida também como a capacidade do ente humano de tornar inteligível o mundo. Desse modo, é nesta abertura que reside a capacidade e possibilidade de compreensão e inteligibilidade por parte do ser-aí. Abertura de mundo, além disso, é o termo que Heidegger utiliza para designar, de modo geral, o acesso ontológico do ente humano a qualquer tipo de ser de entes – designa um desvelamento da significatividade. Um modo de auxiliar a compreensão do que consiste a interpretação da abertura de mundo é a metáfora que Heidegger faz com a iluminação: o ser humano como ente existente é iluminado, no sentido de ser em si mesmo iluminado, não por receber luz de outros entes, mas por ele mesmo ser o ente que ilumina – nesse sentido, é o ente que dá e reconhece sentido e significado em mundo e em outros entes e, também, em relação si mesmo. Como Heidegger diz “ele mesmo é a claridade da clareira” (HEIDEGGER, 2012b p.381). Em termos mais técnicos, o ente humano “lança mundo [luz]” aos entes que encontra, lança significado, desse modo, elas mostram a si mesmas como são (KING, 2001, p. 58). Dito isto, abrir mundo é dar sentido a entes e ao mundo ele mesmo.

O fenômeno da abertura é interpretado por Heidegger como sendo originário e fundamental ao modo de ser da *existência (Existenz)* – modo de ser do ente humano. Ainda na elucidação da abertura de mundo, a mesma é articulada através de estruturas

existenciais essenciais ao modo de ser da existência. Partindo disto, o problema central que guia este artigo parte de dois modos nos quais Heidegger apresenta essa articulação em *Ser e Tempo* e que parecem conflitar entre si. De um lado, a *interpretação pragmática*, de outro a *interpretação linguística*³. A primeira aparece em *Ser e Tempo* nas análises e interpretações a respeito das ocupações cotidianas (§§15-18), na tematização do *ser-em* e das estruturas da *compreensão* e *encontrar-se* e também na elucidação da estrutura do *ser-com*⁴ (§§26-33). Nesta interpretação é sugerido que a articulação da abertura de mundo ocorre de maneira progressiva e estratificada, de modo que, parte de níveis básicos de comportamentos intencionais pré-predicativos e pré-temáticos até atingir níveis os quais ocorrem comportamentos linguísticos, temáticos, predicativos e científicos. A segunda interpretação, a *interpretação linguística*, aparece no §34 e destoa de tudo que foi construído em *Ser e Tempo* até o momento, já que sugere que a linguagem e o discurso são inerentes a qualquer comportamento intencional e, que de modo originário e primordial, articulam a inteligibilidade de mundo e os comportamentos intencionais mesmo em modos mais básicos da ocupação.

Antes de analisarmos as estruturas fundamentais que constituem o fenômeno da abertura de mundo, apresento os dois modos de ser elucidados em *Ser e Tempo*, além do modo de ser da existência, já que o ser-aí se comporta em relação a esses entes e compreende seus modos de ser. O ente humano têm acesso a diversos tipos de entes que comparecem em mundo, entes que possuem modos de ser, os quais podem ser entes com o modo de ser da *disponibilidade* (*Zuhandenheit*) ou com o modo de ser da *subsistência* (*Vorhandenheit*). O modo de ser disponibilidade é o modo de ser específico dos utensílios – no qual eles se manifestam em si e a partir de si mesmos. Esse modo de ser se estrutura por uma série de remissões, por exemplo, a remissão ao material e ao objetivo de uso de um utensílio. Nesse sentido, os utensílios sempre aparecem em uma estrutura de totalidade utensiliar, de modo que, um utensílio nunca é compreendido isolado, mas sim, sempre a partir das remissões e significatividade de seu uso. Os entes disponíveis sempre existem atrelados à existência humana, nunca estão isolados, de modo que, no fim, utilizar algum utensílio sempre remete ao ser do ente humano.

³ Nomenclatura das interpretações retirada da análise de Taylor Carman (2003).

⁴ Será apresentada na última seção.

Já o modo de ser da *subsistência* é interpretado como um modo de ser de entes que são compreendidos de forma isolada e objetiva, sendo determinados em termos de substância. Geralmente entes vinculados com a investigação científica são subsistentes, assim como, aqueles em que o ser-aí reconhece suas propriedades. São aqueles entes considerados objetos. Quando o ser-aí compreende um ente subsistente ele o compreende separado de sua própria existência, ou seja, como um ente independente. Após a apresentação dos modos de ser da disponibilidade e da subsistência – modos de ser com os quais o ser-aí se comporta e compreende – voltamos nossa atenção para uma análise das estruturas essenciais que constituem a abertura de mundo, fenômeno que norteia o presente artigo. São elas, a estrutura do *encontrar-se*, a *compreensão* e o *discurso*.

A estrutura do *encontrar-se* (*Befindlichkeit*) compreende-se a partir dos fenômenos afetivos ou sintonias afetivas. Ser-no-mundo é estar sempre sintonizado afetivamente. Um ponto importante aqui é que Heidegger interpreta que tal estrutura e seus fenômenos se dão de maneira pré-reflexiva ou pré-temática e pré-predicativa. Para o filósofo, o existente humano sempre se encontra aberto a partir de tais fenômenos afetivos, aberto para as possibilidades de sua existência e para a responsabilidade que resulta de tais possibilidades. A estrutura do *encontrar-se* abre a importância da existência e das vivências do ente humano, abre seu caráter de fardo, nossa condição geral, e como estamos em uma dada situação. É uma manifestação de como o ser-aí está. De modo geral, Gerner diz que o *encontrar-se* e suas sintonias afetivas abrem o caráter de “que eu sou e tenho de ser” do ser-aí, seu *fardo existencial* (GORNER, 2017, p. 88).

Outra estrutura que Heidegger indica constituir a abertura de mundo e os processos intencionais do ente humano é o que ele designa pelo termo *compreensão* (*Verstehen*). Segundo ele, a *compreensão* constitui a abertura de mundo com igual originariedade que o *encontrar-se*, sendo, desse modo, uma estrutura fundamental do ser-aí. (HEIDEGGER, 2012b, p. 407). Heidegger deixa claro que a *compreensão* se dá de maneira pré-predicativa, sendo uma forma de comportamento não-temático, ou em outros termos, prático. A partir desta estrutura é possível elucidar dois comportamentos do ente humano os quais também são essenciais para a abertura de mundo: *interpretação* (*Auslegung*) e *enunciação* (*Aussage*).

A interpretação seria um modo de explicitar o que foi compreendido e a enunciação uma maneira de pôr em palavras essa compreensão – portanto, a interpretação

não é necessariamente enunciativa ou predicativa. Sendo um desenvolvimento da compreensão, a interpretação se funda, sempre, de maneira existencial, na compreensão. A interpretação sempre se estrutura a partir do *algo como algo*, de maneira que, interpretar é compreender algo *como* algo *determinado*. Desse modo, é possível elucidar a interpretação como uma explicitação daquilo que é compreendido nas ocupações cotidianas, a partir de uma variedade de atividades, como olhar, procurar, consertar, preparar. Utensílios utilizados em contextos práticos são sempre já interpretados como: cadeira para sentar, lápis para escrever, de maneira que cada utensílio já aparece ao ser-aí em um contexto de uso e de utilização apropriada ou adequada. Portanto, utilizar um utensílio de modo apropriado é interpretar. Para Heidegger, o que é articulado na estrutura do *algo como algo* ou o que é compreendido e interpretado é prévio a toda enunciação temática (HEIDEGGER, 2012b, p. 425).

O fenômeno da enunciação, por sua vez, seria um passo posterior nesta estrutura, de modo que, o filósofo elucida a enunciação como um modo derivado da interpretação. De modo mais técnico: a enunciação é uma *mostração determinante que comunica* (HEIDEGGER, 2012b, p. 443). O importante a se atentar para a construção do presente texto é que Heidegger considera que a execução originária do comportamento interpretativo não consiste em proposições enunciativas teóricas – tais proposições seriam um caso derivado da interpretação originária (HEIDEGGER, 2012b, p. 445). Esta modificação ocorre quando um ente disponível se torna um ente tematizável, subsistente. Neste contexto, são as modificações na estrutura da interpretação que tornam possível a enunciação proposicional ou temática e que põem em relevo o fenômeno da linguagem.

Somente no §34 que Heidegger elucida e põe em evidência a linguagem e a estrutura existencial que a possibilita: o *discurso (Rede)*. É nesse momento de *Ser e Tempo* que surge a tensão interpretativa a qual gera o problema norteador deste artigo. O discurso é uma estrutura, segundo Heidegger, de igual originariedade que o *encontrar-se* e a *compreensão*. Assim como, fundamenta os fenômenos linguísticos. Ainda, articula as outras estruturas na abertura de mundo, ou seja, o discurso articula a inteligibilidade (HEIDEGGER, 2012b, p. 445). Dahlstrom sugere que o discurso na obra de Heidegger é um modo constitutivo de ser-aí e que é desvelador desse ente, nesse sentido, existir de forma discursiva significa que através do discurso o sentido de ser abre-se, mostra-se ao ente existente. Deste modo, a linguagem e seus fenômenos são o discurso, ou a

inteligibilidade expressada (DAHLSTROM, 2013, p, 14). O discurso torna manifesto os padrões de sentido reconhecíveis e comunicáveis.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger apresenta de forma obscura o modo como ocorre a articulação das três estruturas originárias do ser-no-mundo, apresentando duas teses conflitantes, em certa medida: a *interpretação pragmática* e a *interpretação linguística*⁵ – ambas relacionadas ao modo como a inteligibilidade de mundo se estrutura e se expressa na existência do ente humano. A partir destas considerações e elucidações iniciais, as próximas seções tratam de maneira mais atenta e aprofundada as duas teses interpretativas conflitantes acerca da articulação da abertura de mundo. Serão apresentadas defesas e críticas de cada uma delas, assim como, algumas bases documentais retiradas de *Ser e Tempo*, para embasar ambas interpretações. Ao final do artigo, será utilizada a estrutura do *ser-com* e seus fenômenos sociais como campo de análise: essas interpretações realmente divergem ou são passíveis de vinculação e articulação?

3. A INTERPRETAÇÃO PRAGMÁTICA DA ABERTURA DE MUNDO

3.1. Desenvolvimento e reconhecimento da *interpretação pragmática* em *Ser e Tempo*

Levando em conta as escolhas metodológicas e conceituais de Heidegger, podemos fazer um paralelo entre abertura de mundo e intencionalidade. Em *Ser e Tempo* são indicados alguns comportamentos intencionais do ente humano: comportamentos ocupacionais, temáticos, teóricos, linguísticos e discursivos, preocupação com outros entes humanos, entre outros. O problema que estamos lidando diz respeito ao modo como esses comportamentos intencionais se estruturam e se articulam. Como já foi mencionado, em *Ser e Tempo* é possível extrair ao menos duas interpretações conflitantes a respeito dessa estruturação intencional: a *interpretação pragmática* e a *interpretação linguística*. Começamos pela *interpretação pragmática*.

Nesse modelo interpretativo – designado primeiramente por Taylor Carman (CARMAN, 2003, p. 219), mas também referida por outros intérpretes, Robert Brandom, por exemplo, como tese *layer cake* – sugere haver uma estratificação e uma progressão

⁵ Interpretações apresentadas e elucidadas posteriormente à obra, Heidegger não faz menção à essas duas interpretações.

dos comportamentos intencionais. Haveria, portanto, uma prioridade ontológica nos comportamentos intencionais ocupacionais, que aqui são caracterizados como pré-predicativos e pré-temáticos, em relação aos comportamentos proposicionais, teóricos e predicativos, a saber, comportamentos objetificantes. De modo mais geral, essa interpretação defende uma primazia do prático em relação ao teórico – sendo este interpretado como derivado dos comportamentos ocupacionais pré-predicativos, aqui reconhecidos como básicos. Este modelo interpretativo se baseia em uma identificação da presença de um caráter progressivo e estratificado presente na articulação da abertura de mundo. Portanto, as várias formas de comportamento intencional são possíveis mesmo que não envolvam componentes linguísticos (INKPIN, 2016, p. 36). Ainda, a interpretação pragmática defende que o elemento discursivo ocorre em etapas, desse modo, a forma mais básica de inteligibilidade pode ocorrer sem que haja, necessariamente, conteúdos proposicionais e predicativos.

Se formos considerar que Heidegger realmente estava comprometido com a interpretação pragmática, podemos compreender que nas atividades e ocupações cotidianas o ser-aí não é tematicamente “consciente”, nesse caso, os comportamentos cotidianos poderiam ser descritos sem ser necessário recorrer a um modo de comportamento intencional temático, deliberativo e autorreferencial. Como sugere Dreyfus, a atividade cotidiana seria capaz de abrir mundo, ser e entes sem que seja necessário haver uma separação do que é mental e corporal (DREYFUS, 1990, p. 58-59). Reconhecendo o contexto ocupacional e as práticas cotidianas, em muitos momentos de *Ser e Tempo* – por exemplo nos §15 a §18 –, Heidegger interpreta que o modo mais básico e fundamental de contato que o ser-aí possui com entes em geral é a partir desses contextos práticos e não-predicativos – nos quais os entes aparecem como utensílios já prontos para serem utilizados em atividades determinadas as quais sempre visam o próprio ser do ser-aí (HEIDEGGER, 2012b, p. 207).

Esta progressão de determinação nos comportamentos intencionais é explicada a partir de derivações e modificações da intencionalidade prática. Existe uma transparência no uso de entes utensiliares, de modo que estes “desaparecem” durante o uso. O uso que se faz desses utensílios se dá de maneira familiar, de modo que, não há uma vinculação objetiva ou temática envolvida, o uso de utensílios se dá em um contexto tácito de intencionalidade. Os comportamentos intencionais práticos com utensílios são quase

como que mecânicos. A atenção do usuário se volta ao utensílio somente quando este não está funcionando da maneira adequada. O utensílio se torna aparente, portanto, quando falta ou falha. As modificações na estrutura intencional para com utensílios ocorrem justamente quando há este colapso na atividade de uso. Existem diversas situações de colapso da atividade ocupacional as quais vão aproximando o ser-aí de um comportamento mais atento ao utensílio o qual vê e descobre propriedades do utensílio. Esta falta ou falha do utensílio é caracterizada por Heidegger como *não-empregabilidade* ou como o utensílio *não-empregável* (*Unverwendbarkeit*).

De acordo com Heidegger há, ao menos, três modos nos quais um utensílio pode apresentar-se como não-empregável: o modo do *surpreender* (*Auffallen*), modo da *importunação* (*Aufdringlichkeit*) e o modo da *não-pertinência* (*Aufsässigkeit*) – em cada um desses modos a determinação e o caráter de subsistência dos utensílios se tornam mais salientes. No surpreender, o utensílio aparece indisponível, de modo que, ainda não é aberto seu caráter de subsistente e o ser-aí não tem acesso às suas propriedades, apenas repara na presença do ente utensiliário, podendo este ainda ser utilizado. Na importunação o utensílio aparece como faltante, de modo que, não pode mais ser utilizado e nem mesmo consertado. Neste contexto, é possível descobrir um caráter de subsistência no utensílio, o ente torna-se importuno, pois atrapalha as atividades cotidianas. No último modo de não-empregabilidade, a *não-pertinência*, o ente utensiliário já aparece como não empregável, não é o caso que falte ou falhe, ele já aparece em um contexto em que não é mais necessário, o ente utensiliário já aparece como um ente composto de propriedades, como um ente subsistente.

Desse modo, é possível perceber uma indicação da derivação dos comportamentos intencionais, de modo mais básico são comportamentos práticos, úteis e podem se tornar mais determinados, mais objetivos. Podemos, a partir disso, sugerir que a derivação de comportamentos intencionais predicativos e discursivos, a partir de comportamentos básicos e práticos pode ocorrer em três etapas: a) ocupação engajada; b) interpretação; c) enunciação. A derivação ocorre quando o ser-aí não é capaz de simplesmente lidar de modo engajado com entes, sendo a partir desse descobrimento de propriedades de entes que se tornam possíveis comportamentos teóricos, tematizantes e científicos.

A enunciação aparece, juntamente com a interpretação, como uma das etapas da progressão de determinação dos comportamentos intencionais na interpretação

pragmática. Um enunciado é capaz de modificar a estrutura do *como* da interpretação, no sentido em que permite que algo tomado de um modo determinado possa ser visto dessa maneira determinada – *a determinação de entes torna-se manifesta na enunciação*. A enunciação é um modo que permite ao ser-aí ver algo que ele já tem acesso de um modo diferente. O que difere entre enunciados não-temáticos e temáticos é que o enunciado temático permite que algo seja visto não em correspondência ao seu contexto prático e ocupacional, mas como é em si mesmo e em suas determinações (DAHLSTROM, 2001, p. 205).

Para Blattner a derivação que ocorre nos comportamentos interpretativos – *como hermenêutico* e *como apofântico* – demonstra haver um nível de domínio e inteligência nas práticas e vivências do ser-aí as quais não são conceitualmente mediatas, de modo que, não podem ser capturadas a partir de enunciados (BLATTNER, 2006, p. 94). Considerando, então, as derivações que ocorrem na estrutura interpretativa, os comportamentos intencionais predicativos e objetivos continuam se modificando até culminar em comportamentos temáticos e teóricos. Segundo Heidegger, os comportamentos enunciativos são apenas mais um dos variados modos de ser-no-mundo, sendo a enunciação derivada de um modo mais fundamental de abertura e comportamento intencional. Desse modo, o comportamento teórico tem seu início quando ocorre uma pausa ou falta no ver circunspecto e nos comportamentos ocupacionais - sendo possível, assim, olhar para os entes em sua própria presença subsistente. Como considera Carman, a teoria é uma estrutura proposicional e justificacional que tira entes de suas características mundanas e os objetifica como mera substância (CARMAN, 2003, p. 219). O comportamento intencional teórico e temático requer uma descontextualização das características presentes no contexto das práticas cotidianas. Essa descontextualização do encontro com entes em seus contextos utensiliares para reconhecê-los como meros objetos é o que possibilita um comportamento teórico, temático e científico.

3.2. Interpretação Pragmática: defesas e críticas

Como já foi explicitado, a interpretação pragmática considera o discurso como sendo fundamentalmente distinto da linguagem e que há uma prioridade dos comportamentos intencionais práticos e pré-temáticos em relação aos comportamentos

temáticos e predicativos. Existem muitas evidências textuais em *Ser e Tempo* que corroboram uma leitura pragmática da estrutura do discurso e da progressão de determinação da estrutura da intencionalidade. Uma evidência desta primazia de comportamentos intencionais práticos é que mesmo que possamos descrever os entes subsistentes de maneira individual e particular em relação ao que é disponível, não é possível o contrário, a saber, construir ou reconstruir nossa compreensão prática a partir de objetos descontextualizados e das propriedades e relações objetivas destes objetos (CARMAN, 2003, p. 197). A afirmação de que há uma prioridade lógica e ontológica de uma compreensão prática diante da compreensão cognitiva, teórica encontra evidências em diversos pontos da analítica existencial. Em *Ser e Tempo*, as principais evidências textuais que corroboram com a interpretação pragmática encontram-se nos §§15-18 e §§28-33. Irei apresentar algumas a seguir:

Para que o disponível possa vir de encontro na ocupação cotidiana no “mundo ambiente” em seu “ser em si”, é preciso que as remissões e as totalidades remissivas nas quais o ver ao redor é absorvido, permaneçam atemáticas para ele, assim como o são e, com mais razão para uma apreensão “temática”, fora o ver-ao-redor (HEIDEGGER, 2012b, p. 229).

Assim como,

Que o mundo *não se anuncie* é a condição da possibilidade que o disponível não saia da sua condição de não-surpreendente. É onde se constitui a estrutura fenomênica do ser-em-si desse ente. (HEIDEGGER, 2012b, p. 229).

Aqui há a demonstração de que para haver uma compreensão prática de nexos remissionais é necessário que as mesmas permaneçam atemáticas ao ser-aí – o não chamar atenção para si do ente utensiliar é um caráter básico e essencial dos entes disponíveis enquanto são usados em atividades cotidianas.

No âmbito da presente análise, o ente pré-temático é o que se mostra no ocupar-se que ocorre no mundo ambiente. Esse ente não é então um objeto de um conhecer-teórico-do-“mundo”, ele é o empregado, o produzido, etc. (HEIDEGGER, 2012b, p. 207)

Nesta passagem é indicado que entes que vêm de encontro no mundo ambiente de modo mais próximo e imediato do ser-aí não pressupõem e não são objetos de uma atitude

teórica ou temática, mas pressupõem uma compreensão prática e ocupacional diante desses entes.

Algumas outras passagens que demonstram que analítica existencial pode ter como resultado interpretativo uma tese do caráter derivado dos comportamentos intencionais temático e predicativos:

Em geral, o disponível não é de imediato apreendido teoricamente, nem é tema visto-ao-redor pelo ver circumspecto (HEIDEGGER, 2012b, p. 215);

O mundo, embora de modo não-temático, já é previamente descoberto com tudo o que venha de encontro (HEIDEGGER, 2012b, p. 249);

Com a enunciação ficou visível um derivado extremo da interpretação (HEIDEGGER, 2012b, p. 453).

Nestas passagens se evidencia ainda mais o caráter derivado de certos comportamentos intencionais: temáticos, enunciativos e teóricos.

Segundo Dreyfus, Heidegger não indica haver de fato essa prioridade estrutural em *Ser e Tempo*, mas o intérprete indica haver tal evidência para a prioridade ontológica da mundaneidade e significatividade, pois para Heidegger, nada é considerado inteligível sem que apareça primeiramente integrado e contextualizado em alguma prática ocupacional cotidiana (DREYFUS, 1990, p. 115). Ainda na contribuição de Dreyfus, o discurso não está disposto da mesma forma que os outros aspectos da abertura de mundo – compreensão e encontrar-se, mas é referido ao modo como todas as situações são articuladas pela ocupação, de maneira que são linguisticamente possíveis de serem expressadas, mas não necessariamente (DREYFUS, 1990, p.217). Podemos indicar, portanto, que o “pragmatismo” de Heidegger localiza-se em sua análise dos comportamentos intencionais do ser-aí quando este está imerso na cotidianidade.

Embora existam fortes evidências em favor da interpretação pragmática, alguns intérpretes tecem críticas a essa abordagem. Um deles é Robert Brandom que defende que a adoção de um modelo interpretativo pragmático ou, como ele denomina, *layer cake* é um erro (BRANDOM, 2002, p. 329). Como ele indica, surge um problema se for levado adiante o modelo interpretativo pragmático, pois haveria uma primazia assimétrica entre dois modos de ser. Brandom não nega, em sua crítica, a instância normativa que possibilita a inteligibilidade de mundo e o sentido, assim como as práticas cotidianas do ente humano, porém, defende que uma comunidade pré-linguística ou proto-linguística

não poderia ser considerada ser-no-mundo (BRANDOM, 2002, p. 81). Brandom não está dizendo que não há situações humanas em que sejam possíveis a compreensão e o seguimento de normas sem que haja uma estrutura linguística e enunciativa presente, mas sim que uma comunidade em que haja um nível pré-linguístico de intencionalidade não podem ser consideradas comunidades de ser-aí. Como Brandom afirma, o acesso ao modo de ser da subsistência é possível através da linguagem – a partir do enunciado. Desse modo, reconhecer a subsistência de um ente é ser capaz de construir um enunciado sobre ele (BRANDOM, 2002, P. 78).

A crítica dirigida a interpretação pragmática por Brandom considera que tal modelo interpretativo não abrange o comprometimento de Heidegger com suas afirmações a respeito da linguagem, nos §34 e §38, quando Heidegger diz que não há ser-aí sem linguagem. Na interpretação de Brandom, não há ser-aí sem que este possa tratar e reconhecer entes como subsistentes, ou seja, só se é ser-aí se este é capaz de tematizar. Em termos gerais, a interpretação de Brandom sugere que existe uma dependência recíproca dos dois modos de comportamento intencional, já que o ente humano é estruturado holisticamente.

Após essas considerações, seguimos para a análise da *interpretação linguística*.

4. A INTERPRETAÇÃO LINGUÍSTICA DA ABERTURA DE MUNDO

4.1. Apresentação e desenvolvimento da interpretação linguística

A *interpretação linguística* compreende que discurso e linguagem são idênticos ou muitos semelhantes. Desse modo, quando Heidegger interpreta que o discurso é uma estrutura originária, nesta interpretação, a linguagem também seria originária a qualquer comportamento intencional do ente humano. Tendo isso em consideração, a interpretação linguística defende que a linguagem estaria pressuposta em qualquer comportamento intencional, mesmo naqueles mais básicos e práticos. Portanto, a linguagem e o discurso seriam constitutivos da abertura de mundo.

Muitos intérpretes sugerem que em *Ser e Tempo* a linguagem é tratada de forma periférica, porém, dado que ela é analisada como um aspecto da existência humana em um projeto que busca justamente elucidar e indicar os aspectos fundamentais do existir

humano, me parece estranho esse tratamento. Claro que, dentro de um aspecto geral de *Ser e Tempo*, a linguagem é elucidada em pontos específicos, mas está lá, indicada como sendo parte do que é ser-no-mundo. Levando isso em conta, a linguagem aparece de forma mais detalhada em ao menos quatro parágrafos da divisão I – a qual é o foco da presente investigação. Sua primeira indicação é no §7, quando Heidegger apresenta o conceito de *logos*:

Logos como discurso significa, ao contrário, algo assim como mostrar, tornar manifesto aquilo que se “discorre no discurso” (HEIDEGGER, 2012b, p. 113);

E ainda,

Na execução concreta, o discorrer (o fazer-ver) ter o caráter do *falar*, da proferição vocal em palavras. O *logos* é *voz*, mais precisamente, *voz acompanhada de representação* - proferição vocal em que cada vez algo é visto (HEIDEGGER, 2012b, p. 115).

A linguagem também aparece na análise da significatividade no §18:

Mas a significatividade ela mesma, com que o ser-aí já está cada vez familiarizado, traz consigo a condição ontológica da possibilidade de que o ser-aí que compreender possa abrir, como interpretante, algo assim como “significações”, as quais por sua vez fundam novamente o ser possível da palavra e da língua (HEIDEGGER, 2012b, p. 261)

De modo mais aprofundado, o fenômeno da linguagem é interpretado por Heidegger no §32 e §34. No §32, é apresentada a questão do enunciado *apofântico*, predicativo, como derivado da interpretação hermenêutica. Aqui, Heidegger elucida a enunciação como *mostração determinante que comunica*. Já no §34 a linguagem é apresentada juntamente com a estrutura do discurso:

A linguagem é o ser-expresso do discurso. Essa totalidade-de-palavra, como aquilo em que o discurso tem um próprio ser “de-mundo”, como ente do interior do mundo, pode assim ser encontrada como disponível. A linguagem pode ser despedaçada em coisas-palavras subsistentes. *O discurso é existencialmente linguagem*, por que o ente cuja abertura ele articula conforme a significação tem o modo de ser do ser-no-mundo lançado, remetido ao “mundo” (HEIDEGGER, 2012b, p. 455, grifo nosso).

Por fim, a linguagem na divisão I de *Ser e Tempo* possui um espaço importante do *decair* do ser-aí, interpretado no §35, principalmente no fenômeno do *fatalório* (*Gerede*):

No mais das vezes, o discurso se expressa e já se expressou sempre em palavras. O discurso é linguagem. Mas, no que foi expresso, já residem então cada vez a compreensão e a interpretação (HEIDEGGER, 2012b, p. 471).

A inteligibilidade do ser-aí se expressa através da estrutura do discurso, e o que é expressado é o *sentido*. Essa estrutura é interpretada por Heidegger como articuladora da inteligibilidade, nesse sentido, discurso não é somente falar, dizer, proferir, mas é também um modo de tornar manifestos padrões de sentido (POLT, 1999, p. 74). Como sugere Charles Guignon, a estrutura do discurso pode ser compreendida à luz do conceito de *logos*, sendo uma tradução literal do termo. Portanto, o discurso, assim como o *logos*, seria aquilo que torna algo manifesto ou possibilita que algo seja visto em si mesmo (GUIGNON, 1983, p. 112-113).

No §34, Heidegger apresenta três momentos estruturais do discurso: (i) *sobre o quê* do discurso; (ii) o que é *dito/discorrido* no discurso e; (iii) a *comunicação* (HEIDEGGER, 2012b, p. 457). O momento *sobre o quê* do discurso não é necessariamente enunciativo, porém é pré-formado na estrutura da constituição do ser-aí – o discurso é sempre sobre alguma coisa. Já aquilo que é *dito ou discorrido* no discurso diz respeito ao que é comunicado no discurso. O caráter comunicativo do discurso relaciona-se com a estrutura do ser-com, sendo aquilo que possibilita o compartilhamento da articulação de sentido com outros. (HEIDEGGER, 2012b, p. 457). Os caracteres indicados (ii) e (iii) trazem uma evidência para a interpretação linguística, pois tais caracteres envolvem um componente linguístico e semântico. Neste momento de *Ser e Tempo*, Heidegger não parece indicar que a linguagem seria um fenômeno derivado, apresentando-a como parte da estrutura do discurso – e é aqui que surge a tensão interpretativa analisada neste artigo.

Analisando de modo mais estrito, a linguagem é interpretada por Heidegger como o discurso que foi expressado, ou em termos mais técnicos, a articulação da inteligibilidade que foi posta em palavras. Em *Ser e Tempo* é possível indicar ao menos três níveis ontológicos nos quais a linguagem é apresentada: linguagem como ente

disponível, linguagem como ente subsistente, linguagem como um existencial ou estrutura existencial. Como explicita Dahlstrom, a linguagem como disponível e como subsistente são níveis ontológicos distintos e isso pode ser exemplificado como a diferença entre simplesmente ler ou recitar um poema e entre fazer uma análise de algum texto, como um poema, e analisar sua métrica, poética. Por sua vez, a linguagem como existencial é a linguagem reconhecida e interpretada como estrutura, nesse caso, discurso (DAHLSTROM, 2013, p, 15).

O modelo linguístico aqui analisado não defende que linguagem e discurso sejam, necessariamente, idênticos, mas apenas que possuam uma relação próxima. Em vários pontos da obra, Heidegger indica que a estrutura do discurso pode ser compreendida como um conjunto de condições pré-linguísticas, uma base originária na qual se dá o fenômeno linguístico, dando a entender que o discurso e a interpretação seriam mais básicos que comportamentos enunciativos e proposicionais – como visto na análise da interpretação pragmática. Diante disso, uma interpretação linguística deve demonstrar que o discurso é a base existencial do fenômeno linguístico sem que seja necessário reduzi-lo a uma proto-linguagem.

4.2. Interpretação Linguística e sua defesa

Como recurso interpretativo, apresento duas interpretações que defendem o caráter linguístico como originário, diante do problema da articulação abertura de mundo e da estruturação dos comportamentos intencionais humanos.

Charles Guignon reconhece haver dois modos conflitantes nos quais Heidegger interpreta a linguagem em *Ser e Tempo*, indicados pelo autor como *visão instrumentalista* – próxima aos pressupostos da interpretação pragmática –, e *visão constitutiva* – próxima aos pressupostos da interpretação linguística –, sendo esta última sustentada e defendida pelo autor (GUIGNON, 1983, p. 116). Na *visão instrumentalista*, o autor sugere que a linguagem seria um tipo de utensílio que contribui para tornar o mundo inteligível ou um utensílio para comunicação. Nesse modelo interpretativo, mesmo que a linguagem seja importante para a inteligibilidade de mundo, ela só é possível em um horizonte de compreensão que não é linguístico, de modo que, pressupõe um contexto intencional de significatividade não-semântica. A *visão constitutiva* considera que o fenômeno

linguístico é responsável por gerar e possibilitar o pleno desenvolvimento da inteligibilidade e sentido de mundo. Aqui, palavras e mundo estariam em domínio simultâneo, de modo que, para Guignon, a existência humana só é possível com a linguagem sendo pressuposta desde a base. Guignon irá defender a visão constitutiva em sua interpretação, levando em conta que a mesma é a que melhor se assemelha aos escritos posteriores a *Ser e Tempo*, contribuindo para uma elucidação completa e robusta do fenômeno da linguagem na obra heideggeriana. Ainda, tal interpretação encontra evidências textuais fortes, principalmente na elucidação feita por Heidegger do falatório (*Gerede*). Heidegger afirma que a linguagem seria constitutiva das estruturas da compreensão e do encontrar-se cotidianos, possibilitando contextos de projeção e ocupação. De modo geral, Guignon considera que há um modo superficial e um profundo na forma como Heidegger interpreta a linguagem e que isso não seria uma defesa de uma hierarquia ontológica, mas apenas metodológica (GUIGNON, 1983, p. 132).

Seguindo na defesa de uma interpretação constitutiva da linguagem, Robert Brandom foca sua interpretação na afirmação de que o ser-aí é o *ente que tematiza*. Para o autor, a interpretação de que Heidegger sustente uma posição pragmática surge do modo como *Ser e Tempo* é visto como um pragmatismo normativo – nesse sentido, a normatividade surge através do âmbito prático e ocupacional na existência humana. O principal argumento de Brandom na defesa de uma equivalência entre comportamentos práticos e teóricos é o de que em *Ser e Tempo* a linguagem enunciativa é uma das características fundamentais do ente humano. Portanto, nenhum ente pode ser considerado ser-no-mundo sem que seja capaz de tratar e reconhecer entes em geral como subsistentes e objetivos.

Brandom, desse modo, interpreta que há uma reciprocidade e equivalência entre os comportamentos intencionais práticos e tematizantes e não uma prioridade de um ante o outro. A conclusão principal a que se chega a partir da interpretação de Brandom é o reconhecimento da conexão de todas as estruturas existenciais do ser-aí, por ser um ente estruturado de modo holístico não haveria uma hierarquia de comportamentos intencionais ou de uma estrutura essencial ante a outra.

Partindo destas defesas apresentadas, é importante mostrar algumas evidências textuais em favor de uma interpretação constitutivista da linguagem no próprio *Ser e Tempo*. Apresento-as a seguir.

Apontando para o aspecto originário das estruturas da abertura de mundo, incluindo o discurso, Heidegger diz que,

O encontrar-se e a compreensão são determinados com igual originariedade pelo discurso (HEIDEGGER, 2012b, p. 381).

Ainda sobre a originariedade do discurso,

O discurso é existencialmente de igual originariedade que o compreender. A inteligibilidade já está sempre articulada, inclusive antes da interpretação apropriadora. O discurso é a articulação da inteligibilidade (HEIDEGGER, 2012b, p. 455).

É importante atentar que essa passagem indica que a inteligibilidade que é articulada pelo discurso está articulada de modo anterior a uma interpretação *hermenêutica* – a qual é considerada mais básica que uma *apofântica*, que necessita de predicação. Se seguirmos uma interpretação que reconhece que linguagem e discurso são semelhantes ou idênticos, a partir dessa passagem, a interpretação linguística encontra uma base textual forte em seu favor. Abaixo uma consideração de Heidegger em favor de uma equivalência entre a estrutura do discurso e a linguagem: “No mais das vezes o discurso se expressa ou já se expressou sempre em palavras” (HEIDEGGER, 2012b, p. 471).

Por fim, uma forte e paradigmática evidência textual em favor de uma interpretação constitutiva de linguagem que tem como desafio provar que discurso e linguagem são idênticos e, desse modo, constitutivos da existência humana desde sua base: “*O discurso é linguagem*” (HEIDEGGER, 2012b, p. 471, grifo nosso).

As considerações feitas nesta subseção apresentam fortes indícios em favor de uma interpretação linguística e constitutiva em *Ser e Tempo*, indo contra as célebres interpretações pragmáticas apresentadas anteriormente. A tensão está posta e bem defendida de ambos os lados, vamos agora ao estudo de caso.

5. INTENCIONALIDADE SOCIAL COMO CAMPO FENÔMENICO DE ANÁLISE: SER-COM E ABERTURA DE MUNDO

5.1. Ser-com: intencionalidade social

Diante da tensão interpretativa analisada ao longo do artigo foi escolhido como campo fenomênico para estudo de caso a estrutura do *ser-com*. O objetivo desta última

seção é analisar se nesta estrutura em específico e nos fenômenos sociais e intersubjetivos há uma vinculação entre as interpretações apresentadas ao longo do texto ou se há prevalência de uma delas. Mais precisamente, será buscado na intencionalidade social se os comportamentos intencionais humanos são articulados de modo progressivo e derivado, se possuem um elemento discursivo desde sua base ou se, ao fim, essas duas interpretações são vinculativas no que concerne à existência humana.

De acordo com Heidegger, o existente humano, ser-aí, não é uma consciência isolada do mundo encapsulada em uma mente, mas sim *ser-no-mundo*. Existir é ter mundo como um dos componentes constituintes fundamentais de sua existência, assim como, a relação com outros entes humanos. A estrutura do ser-com é um aspecto básico e existencial do ente humano e não considerado um problema de conhecimento de outras mentes como sugeriu grande parte da tradição filosófica que se debruçou sobre o tema do outro. Como interpreta Gallagher, tal estrutura possui uma significância ontológica originária do ser-aí (GALLAGHER, 2012, p. 187). O *ser-com* é apresentado por Heidegger nos §§25-27 possuindo como fio condutor de investigação a pergunta pelo *quem* da cotidianidade, ou seja, o “sujeito” da cotidianidade. A estrutura do ser-com é interpretada por Heidegger como sendo de igual originariedade que *ser-no-mundo*, um aspecto constitutivo fundamental do existir. Como os outros aparecem ao ser-aí em suas situações e vivências cotidianas? Os outros aparecem primeiramente ao ser-aí nos contextos ocupacionais, de modo que, aparecem como produtores, fornecedores, usuários, atendentes. Nesse sentido, o ser-aí sempre reconhece outro ser-aí a partir de suas ocupações, a partir de sua estrutura *em função de quê*. Ser-no-mundo, portanto, é sempre compartilhar mundo com outros, sendo assim, essencialmente, mundo é um mundo público (HEIDEGGER, 2012b, p. 343).

Analisando o modo como se dá a estrutura intencionalidade do ser-com, temos a presença dos dois modelos interpretativos também aqui. Heidegger interpreta que os outros entes existentes aparecem, de modo inicial, a partir de suas ocupações e atividades cotidianas. Porém, mesmo que se apresentem em contextos ocupacionais e práticos, há a presença de uma dimensão discursiva nesse encontro. Em relação ao modo prático e cotidiano de como os outros aparecem ao ser-aí, Heidegger afirma que temos acesso aos outros a partir do reconhecimento de seu *em função de quê*, ou seja, das práticas cotidianas nas quais o ser-aí insere, seus projetos e seu próprio ser. Nesse sentido, as

identidades dos outros são dadas, de modo primário, a partir de suas ocupações e atividades (MULHALL, 2013, p. 71). Esse modo primário de encontro com outros, a partir de seus contextos de atividades práticas, evidencia uma relação da estrutura do ser-com com a interpretação pragmática da intencionalidade e abertura de mundo.

Agora, partindo para a relação entre a estrutura do ser-com com discurso e a comunicação, fica um pouco mais difícil uma defesa da interpretação pragmática. Embora os outros apareçam primeiramente a partir de suas atividades cotidianas, a comunicação é elemento importante de uma intencionalidade social e da intersubjetividade de um mundo compartilhado. Em um mundo compartilhado, compartilha-se principalmente o sentido e o modo como Heidegger indica que ocorre o compartilhamento de sentido e da inteligibilidade é a partir da estrutura do discurso.

Heidegger interpreta que a estrutura do discurso é que articula a inteligibilidade pública e compartilhada (HEIDEGGER, 2012b, p. 455). De acordo com McMullin, o discurso além de ser a articulação da inteligibilidade do ser-no-mundo, também é articulação da inteligibilidade *para e nos* temos dos outros. Segundo a autora, é a partir do caráter discursivo da existência humana que a normatividade de utilização de utensílios é apreendida, assim como, as normas das línguas em geral. Nesse sentido, ressalta ela, o discurso deve ser interpretado como um tipo de coparticipação no ser-no-mundo dos outros (MCMULLIN, 2013, p. 169). Essa inteligibilidade compartilhada se manifesta como comunicação.

Ao falar de comunicação, entra em contexto a questão do enunciado – o qual também pode ser um modo de comunicação. De acordo com a interpretação de Mulhall, os enunciados são feitos para comunicar algo a outros (MULHALL, 2013, p. 90). O discurso, portanto, é expresso através da comunicação a qual constitui a articulação do ser-com, de modo que essa estrutura se torna expressamente compartilhada no discurso (HEIDEGGER, 2012b, p. 457). A comunicação expressa a abertura projetiva factual do ser-aí, desse modo, é através da comunicação que o mundo é aberto e mantém-se aberto para a abertura projetiva do “aí”. Segundo Polt, a comunicação é o que mantém a abertura do aí (POLT, 2012, p. 69).

A partir dessas considerações, ainda parece se manter uma tensão entre uma interpretação linguística e pragmática, visto que a relação social parece poder ser compreendida a partir de ambas. Vamos agora analisar de modo mais aprofundado

algumas evidências textuais em busca de uma conclusão: se há prevalência ou vinculação entre as interpretações pragmática e linguística no âmbito da intencionalidade social.

5.2 Análise das interpretações à luz da estrutura do ser-com

Dadas as considerações apresentadas até o momento em relação à interpretação pragmática e à interpretação linguística, a estrutura do ser-com torna-se o campo fenomênico para analisar o problema proposto.

Como indica a citação abaixo, Heidegger interpreta que os outros seres-aí vêm ao encontro a partir do mundo no qual o ser-aí mantém-se ocupado:

Os outros não vêm-de-encontro numa apreensão que diferencie previamente o sujeito próprio de pronto subsistente dos demais sujeitos subsistentes também ocorrentes; não-vêm-de-encontro numa visão primária de si mesmos, estabelecendo um termo de contraste a diferenciá-los dos outros. Os outros vêm de encontro a partir do mundo em que o ser-aí do ver-ao-redor ocupado mantém-se por sua essência. Diante das fáceis “explicações” teóricas da subsistência dos outros, é preciso se ater firmemente ao dado fenomênico mostrado de seu vir de encontro no mundo-ambiente. Esse modo de-mundo imediato e elementar de o ser-aí vir-de-encontro é tão originário que mesmo o próprio ser-aí só pode “encontrar” de imediato a si mesmo, não vendo ou em geral ainda não se apercebendo de “vivências” e do “centro-de-atos”. O ser-aí encontra de imediato a “si mesmo” no que faz, naquilo de que necessita, no que espera, no que espera e evita – no disponível do mundo-ambiente do qual de pronto se ocupa (HEIDEGGER, 2012b, p. 345).

Essa é uma importante evidência textual, Heidegger parece eliminar qualquer aspecto de encontro com outros que se dê de maneira subsistente e a partir de explicações teóricas. Aqui, o filósofo mostra que tanto o encontro do ser-aí com outros que possuem seu modo de ser, como o encontro a si mesmo sempre se dá, de maneira primária, a partir de sua relação com o disponível no mundo ambiente: a partir de contextos práticos. Ainda há um reforço da interpretação de que há um caráter originário nesse modo de encontro.

A próxima evidência textual apresenta que tanto o ser-com como o ser-aí próprio vem de encontro, de forma primeira e imediata, a partir dos contextos ocupacionais. Mostrando, portanto, a possibilidade desse modo de encontro ser interpretada como originária: “O ser-aí próprio, do mesmo modo que o ser-com com os outros, vem de encontro de pronto e no mais das vezes a partir do mundo comum da ocupação do mundo ambiente” (HEIDEGGER, 2012b, p. 361).

A partir dessas análises é possível reconhecer que quando Heidegger caracteriza o ser-com ele não o faz em termos de reconhecimento e participação em uma comunidade

linguística. Mas sim, a partir do modo como os outros são encontrados em termos de uma imersão compartilhada em papéis públicos, orientações e normas as quais o ser-aí compreende a si mesmo e o mundo (MCMULLIN, 2013, p. 7).

Em relação a um possível constitutivismo linguístico e discursivo na estrutura da intencionalidade social também é possível encontrar fortes – embora poucas – evidências textuais em *Ser e Tempo*:

O ouvir e o compreender estão antecipadamente vinculados ao discorrido a respeito como tal. A comunicação não “partilha” a primária relação-de-ser com o ente de que discorre; mas o ser-um-com-o-outro move-se no discorrer-uns-com-os-outros e no ocupar-se daquilo-de-que-o-discurso discorre (HEIDEGGER, 2012b, p. 475).

Essa citação mostra a estreita conexão entre o discurso e sua estrutura com a intencionalidade social quando Heidegger reconhece que o ser-com move-se em uma das estruturas do discurso: *aquilo que se discorre*. Parece haver um reconhecimento de que há um aspecto essencial ao ser-com que não pode se desvincular do âmbito discursivo.

Abaixo, Heidegger evidencia que o falatório, o modo cotidiano do discurso, não pode se desvincular do ser-com:

O falatório e o público ser do interpretado que ele contém são constituídos no ser-um-com-outro. O falatório não é um produto como que desligado do ser-um-com-o-outro, a subsistir por si mesmo no interior do mundo [...]. O falatório é o modo de ser do ser-um-com-o-outro ele mesmo e não algo que só surge em certas circunstâncias influenciando no ser-aí “de fora” (HEIDEGGER, 2012b, p. 497).

Dadas todas as considerações e análises feitas até o momento, a conclusão a que chego após essa pesquisa é que parece haver uma *equivalência* entre ambas as interpretações apresentadas – tanto em relação à abertura de mundo, quanto à estrutura do ser-com. O que ocorre é mais uma hierarquia ou primazia explicativa e de apresentação do que de fato uma hierarquia ontológica dos comportamentos intencionais humanos, a meu ver. Mesmo que o âmbito ocupacional e prático seja primário em relação à compreensão e às práticas cotidianas, a linguagem e o discurso se apresentam em todas as instâncias humanas. Para corroborar com minha interpretação e conclusão trago uma passagem de Heidegger sobre sua própria interpretação:

A partir desta primeira caracterização do fenômeno do mundo e através dela, trata-se de avançar até a apresentação do conceito de mundo enquanto problema. *Nunca me ocorreu, porém, querer afirmar e demonstrar, através dessa interpretação, que a essência do ser humano consiste em manusear colher e garfo e andar de trem* (HEIDEGGER, 2001, p. 229, grifo nosso).

Portanto, a partir da análise feita ao longo do artigo, defendo e concluo que há uma equivalência entre uma instância pragmática e uma linguística e temáticas nos comportamentos intencionais humanos. Existir em um mundo é existir de modo prático e ocupacional, ao mesmo tempo em que se é capaz de tematizar e transformar essas experiências práticas em enunciado, no mesmo nível ontológico originário.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Ser e Tempo*, há a indicação de que os comportamentos intencionais humanos são estruturados primariamente de maneira prática e não-temática e que todos os comportamentos intencionais temáticos, proposicionais e predicativos, são derivados dessa instância cotidiana ocupacional. Tal interpretação foi designada aqui como *interpretação pragmática*. Essa interpretação possui fortes evidências textuais em *Ser e Tempo* e na defesa de muitos intérpretes da obra do filósofo alemão. Porém, a tensão interpretativa analisada no artigo se dá a partir de afirmações que Heidegger faz no §34, ao dizer que a linguagem e o discurso são originários e primordiais na constituição do ser-aí e na articulação da abertura de mundo. Tal modo de conceber a articulação da abertura de mundo foi designado aqui como *interpretação linguística*. Embora haja menos evidências textuais a respeito desse possível constitutivismo linguístico, elas são suficientes para tornar essa temática conflitante.

No presente artigo foi feita a apresentação e análise de ambas interpretações e uma avaliação, a partir da estrutura do ser-com, do modo como a articulação a abertura de mundo se dá no contexto social. Primeiro, foi feita uma apresentação geral das estruturas fundamentais da existência humana e de como elas se articulam e também articulam a inteligibilidade de mundo. Após isso, em duas seções, são apresentadas as interpretações conflitantes a respeito dessa articulação de inteligibilidade promovida pelas estruturas fundamentais. Por fim, como meio de análise, foi utilizada a estrutura do ser-com como campo fenomênico de análise com o objetivo de responder se há uma vinculação entre as

interpretações apresentadas ou se há prevalência de alguma delas no fenômeno da intencionalidade social.

A conclusão obtida é que há uma equivalência e vinculação entre as duas interpretações apresentadas, de modo que, ser-no-mundo é existir de maneira prática e temática: os aspectos pragmáticos e discursivos da existência humana permeiam todas as atividades e instâncias do ente humano, de maneira equivalente.

Referências bibliográficas

- BLATTNER, W. *Heidegger's Being and Time*. New York: Continuum, 2006.
- BRANDON, R. *Tales of the Mighty Dead: Historical Essays in the Metaphysics of Intentionality*. Harvard University Press, 2002.
- CARMAN, T. *Heidegger's Analytic: Interpretation, Discourse and Authenticity in Being and Time*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- DAHLSTROM, D. O. *Heidegger's Concept of Truth*. Cambridge University Press, 2001.
- _____. *Heidegger's Ontological Analysis of Language*. In: POWELL, J. (ed.) *Heidegger and Language*. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 2013, pp.13-31.
- DREYFUS, H. *Being in the World: A Commentary on Heidegger's Being and Time, Division I*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.
- GALLAGHER, S; JACOBSON, R. S. *Heidegger and Social Cognition*. IN: KIVERSTEIN, J; WHEELER, M (org.). *Heidegger and Cognitive Science*. Palgrave Mcmillan, 2012, pp. 213-245.
- GORNER, P. *Ser e Tempo: Uma chave de leitura*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2017.
- GUIGNON, C. *Heidegger and the Problem of Knowledge*. Indianapolis: Hackett Publishing, 1983.
- HEIDEGGER, M. *Being and Time*. Trad. John Macquarrie e Edward Robinson. Blackwell Publishers Ltd, Oxford, 1962.
- _____. *Conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. *Problemas Fundamentais da Fenomenologia*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012a.

_____. *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012b.

INPKIN, A. *Disclosing the World: On the Phenomenology of Language*. The MIT Press, 2016.

KING, M. *A guide to Heidegger's Being and Time*. New York: SUNY, 2001.

MCMULLIN, I. *Time and Shared World: Heidegger on Social Relations*. Northwestern University Press, 2013.

MULHALL, S. *The Routledge Guidebook to Heidegger's Being and Time*. New York: Routledge, 2013.

OKRENT, M. *Heidegger's Pragmatism: Understanding, Being and the Critique of Metaphysics*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1988.

POLT, R. *Heidegger: An introduction*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1999.

Recebido em: 07/01/2021 | Aprovado em: 04/10/2021

